

Conta-se que no teatro São Luiz falava a um grande público José do Patrocínio. Habitado à sua eloquência, estranhava-se que naquela noite desenvolvesse sem entusiasmo as razões abolicionistas. Bocejava-se. Foi então que Paula Nei, seu amigo, dardejou a provocação: "Cala a boca, negro!" O orador levantou, na violência da resposta, a cabeça antes cansada, agora iluminada de cólera; enfrentou o povo, perplexo pelo desafio; e esmagou com a réplica, tremendamente aplaudida, o adversário que do alto das galerias, anônimo e cruel, lhe lançara a invectiva. "Negro sim, como Otelo, aos pés de Desdêmona, a Liberdade..." Soergueu-se do abatimento; a sua voz soou-lhe poderosa; e restituído às suas qualidades de tribuno arrebatador, recuperou como se o raio do aparte lhe tivesse incendiado os paíóis do verbo — a fascinação em que suspendia o auditório. Concluiu admiravelmente uma de suas soberbas catilnárias contra a escravidão. Paula Nei esperava-o à saída. Cumprimentou-o, fora um triunfo. E Patrocínio, travando-lhe o braço: "Sim, mas só queria saber quem foi o miserável que me lançou o insulto!"

O caso explica-lhe o temperamento, o caráter e a origem. Exaltava-se no revide; a sua emoção era tormentosa; querendo redimir os pretos, não admitia, mulato e farmacêutico, que com eles o confundissem; o espírito da luta fervia-lhe a demagogia cintilante;

ra o dueio, em que se mediram o Direito e a Iniquidade. Representaram a tradição desumana os senhores de escravos, e o Direito dos livres uma elite de letrados brancos, convertidos nas Escolas do país à redenção dos cativos. Quais? O poeta Castro Alves, Joaquim Ser-

do porto de Santos, morto a tiro no combate e louvado no poema de Vicente de Carvalho, quando dos "cerros de Cubatão se despenhava para a liberdade a avalanche negra", na frase grandiloqua de Rui Barbosa. Cessou com isso a ajuda do exército à recaptura dos escravos, que, protegidos dos abolicionistas, escapavam aos fazendeiros; e porque os militares dissessem o "basta" aos proprietários, não teve mais a autoridade com que impedir o desfecho político da campanha.

Nabuco foi a alta voz do parlamento; Patrocínio, o maravilhoso caudilho do jornal. Eram centenas, os sectários da abolição, mas três nomes preferiu o povo, na escolha dos símbolos: Patrocínio, Nabuco e a princesa Isabel, apelidada, com razão, de Redentora.

Não nos atrai a comparação no plano da glória cívica. Quem o maior, em 1888: a Princesa Imperial

à suave Princesa. Depois de ter sido seu antagonista, era agora seu fanático.

Narra Afonso Celso, a propósito da cerimônia, no Paço da assinatura da grande Lei, que Patrocínio, anelante, se abaixou para beijar os pés de Isabel. Não satisfeito com a vassalagem pela gazeta, tentou defendê-la pelas armas: foi um dos inventores da "guarda negra", tropa de pretos fiéis, que em manobras de briga se lançaram, no Rio, contra os "republicanos" a quem falava Silva Jardim, em meetings dissolvidos a pau e pedra.

Disse-se que Patrocínio, voltando a casa na noite histórica em que acabara a escravidão, recordava a um amigo as ovações, as manifestações frenéticas, as homenagens que recebera. Exuberante de felicidade, considerava que não poderia ser mais retumbante a sua vitória. E o outro, prevendo que logo terminaria a

fora obra do "exército e da marinha".

Está aí a explicação de um mistério nos sucessos de 15 de novembro: o da exclusão da hipótese — a participação do povo — para que ficasse claro, e solene, a criação da República pela mocidade dos quartéis comandada pelo marechal Deodoro, ao lado de Benjamin e Bocaiúva, naquele desfile pacificamente concluído no pátio do ministério da Guerra, ao estrondo, não de artilharia, matando gente, mas de vivas, saudando a revolução.

Dai por diante, esfumou-se o firmamento em que brilhava o astro. Desprezado pelos radicais, aderiu aos reacionários. Ao deodorismo contraditório (no governo o barão de Lucena) sucedeu o florianismo defensivo (os "tenentes" de cima). Patrocínio uniu-se a liberais e conservadores de outrora, que combatiam o marechal Floriano, e teve

JOSÉ DO PATROCÍNIO: LIDERANÇA, CARISMA

transportava-o o delírio do combate. Quisessem-no autêntico, e bastaria provocar-lhe o brio, como fez astutamente o humorista para tirá-lo do torpor e o alçar às nuvens. A biografia desse homem raro conserva singularmente um clima de febre. Abrasou-se na mais sonora campanha travada na imprensa, no clube, no comício, ao céu aberto: os outros escreveram, oraram, pregaram, com fluência acadêmica: ele, num mar de chamuscas. Ninguém, na história da propaganda liberal neste país, foi tão flamejante como esse jornalista, que trouxe de Campos o idealismo provinciano e fez da redenção do preto a meta, a causa, o fim.

Era filho do vigário João Carlos Monteiro, formado em cânones na Universidade de Coimbra, e de uma crioula que toda a cidade conhecia, marcando iguarias, de pernas encruzadas diante do tabuleiro; ele, notável orador sacro, que, em 1827, dissera o sermão das exéquias da imperatriz Leopoldina e, em 1847, o da recepção do imperador D. Pedro II; ela, negra sadia, de quem Patrocínio herdou a força, ajustada aos talentos do pai. Na verdade há um pouco de ambos na sua carreira e na sua vida, somando a retórica ao ressentimento, como se ligasse o sobrado e a senzala pelo fio tolerante da mestiçagem: lembraria, falando, o padre doutor e clamando justiça para a raça-mártir, a boa quitandeira. Esqueceu-se às vezes que dela provinha; e com a ênfase costumeira, perorava: "Nós, os latinos..." Mas as suas excelentes aptidões — o gosto da escrita, a capacidade verbal, o primor do estilo, a vocação da imprensa, o feitiço apostólico do temperamento beligerante, pasmoso lutador — convergiram pa-

ra, o jovem Joaquim Nabuco, o deputado Sodrê Pereira. Queriam transformar o sonho de Spartaco numa festa de inteligência. Viavam o sentido desinteressado da mocidade descontente com o passado, inconciliável com o presente, ansiosa do futuro, uma constante do pensamento moço no Brasil; eram os "reformadores" loquazes — contra os conservadores míopes. Alcançavam com a palavra o que eles não viam com os olhos doentes: seriam os excelsos visionários. Ao seu lado se postaram os três grandes pretos da epopéia emancipacionista, Luiz Ga-

Três grandes negros no comando da guerrilha abolicionista.

ma, o engenheiro Rebouças, José do Patrocínio à frente de sua gazeta, **Cidade do Rio**. Substituíam, com a alocução e o artigo, as guerrilhas africanas que não chegaram a criar-se, nesse período contraditório da evolução nacional. Até as massas de escravos, concentradas ao norte nos engenhos de açúcar e ao sul nas fazendas de café, não chegaram a aperceber-se do debate parlamentar, da literatura generosa, dos camponeses da oratória que por eles bradavam aos céus, convencendo a cultura, já que não podiam persuadir a propriedade. Houve um ou outro episódio de resistência à prisão dos negros fugidos, o mais ruidoso, o de Jabaquara, em que o papel de Zumbi dos Palmares foi desempenhado pelo "herói humilde" (recorda Euclides da Cunha), o estivador Pio,

Regente, o fulgurante Joaquim Nabuco, o dono da **Cidade do Rio**, incendiado de paixão libertária, no momento supremo do seu destino? Agiram em áreas confinantes, mas diversas: ela, assumindo a responsabilidade da "Lei Áurea", Nabuco pondo na Assembléia as multidões, José do Patrocínio dirigindo-as, com o seu instinto de condutor, da Opinião, inclinado ao exagero, especializado em ficção, fabricante de epítetos (o Ceará, "terra do sol"), iconoclasta de prestígios, com o poder de elevar e destruir as celebridades, ainda a 22 de outubro de 1887 culpando a princesa Isabel do sangue derramado em Campos, "vermelha deusa do morticínio", chamando-lhe a 28 do mesmo mês "crisálida de um axioma irrompida do mais delicado casulo, o coração de uma mulher!"

A História não lhe reconhece nos acontecimentos a importância que o povo atribuiu ao seu comando oratório e jornalístico.

Nenhum vulto, porém, dos que deles emergem, gozou tão intensamente a notoriedade, senão a apoteose, que sagrou Patrocínio na escalada da Abolição.

Tornou-se o vencedor fascinante, o general do triunfo, o artífice da libertação da magia dos tropos de linguagem.

Recuou na corrida para a República, que estava na lógica de sua ação, e tentou antecipar o Terceiro Reinado, proclamando a devoção

O historiador Pedro Calmon analisa a vida e a obra de um dos maiores tribunos da Abolição da Escravatura.

Seu romance "Mota Coqueiro", já esquecido, é lembrado, bem como o aspecto aventuroso da existência de José do Patrocínio, inclusive seus últimos dias voltados para o sonho da construção de uma fantástica aeronave.

Pedro Calmon

subida, e decairia, descendo depressa os degraus tão bravamente escalados, resmungou: prouvera a Deus que morresse naquele instante; legaria à Nação o perfil do líder coroadado pelo culto das massas... Dito e feito. Porque lhe faltava, na abun-

Começa o esquecimento: Patrocínio rejeitado pela República.

dância dos recursos para continuar, o escrúpulo da coerência.

Apostado em 1888 em desencadear o reinado da "Santa" Princesa, em 1889 imaginou ser o fundador da... República. Virou a casa tarde demais; tanto que Deodoro da Fonseca e Benjamin Constant lhe dispensaram a companhia, quando, a 15 de novembro, vereador, promoveu Patrocínio uma teatral proclamação do novo regime, e foi com um grupo de populares exaltados procurar o marechal. Este não apareceu. Aos militares que derubaram a monarquia pareceu absurda a fantasia de que o "povo" fizera a República. Extremaram-se. E para dissuadir os que propagavam, com Patrocínio, que a vontade das ruas mudara o sistema, afixaram a simples e rotunda verdade:

de curtir, com José Joaquim Seabra e outros oposicionistas, o desterro insalubre no alto Amazonas. De regresso à redação, espicacado pelo confronto das forças em luta, apoiou a anistia, que Prudente de Moraes ofereceu aos vencidos, da revolta da Armada. Reentrava nos climas de bom senso, pelos quais arrastara a campanha abolicionista. Podia ser tratado como um luminoso escritor, digno da canonização literária, que dão as academias.

Fundou-se em 1896 a Academia Brasileira e, a despeito da prevenção que nutriam contra Patrocínio os irredutíveis das duas facções, a florianista e a saudosista, Machado de Assis e Joaquim Nabuco o convocaram para integrá-la. Compareceu à primeira sessão, em 15 de dezembro. É o número 6 dos "quarenta". Para patrono de sua cadeira indicou o colega da batalha contra o cativo, Joaquim Serra.

Títulos para pertencer à sociedade de literatos, presidida pela calma autoridade de Machado de Assis, tinha-os de sobra: o libelo com que invectivara a pena de morte, **Mota Coqueiro**, de 1877; **Os retirantes** (O-disséia das vítimas da seca), de 1879; **Pedro Espanhol**, de 1884; a tradução de **As meninas Godin**, de Maurice Ordineaux, livro de 1885; o esplêndido **Manifesto da Confederação Abolicionista**, de 1883; e